



## **EMISSORAS COMUNITÁRIAS: UMA ALTERNATIVA CRÍTICA À COMUNICAÇÃO DE MASSA**

Emerson Cristofoli<sup>1</sup>

**Resumo:** A constituição da formação das opiniões dos homens é um processo sócio-cultural formatado por movimentos históricos. Tais movimentos da sociedade capitalista, vinculados aos meios de comunicação de massa moldaram as concepções ideológicas da sociedade ocidental. A sociedade industrial e a indústria cultural, camufladas nos meios de comunicação, foram as responsáveis pelo estrago de elementos de cidadania, democratização e liberdade de expressão nos jornais, revistas, TV, rádio e cinema. A comunicação popular surge como alternativa dentro de um processo histórico comunicacional. Destaca-se a experiência da radiodifusão com as emissoras comunitárias. Mesmo com todas as dificuldades para a obtenção das concessões as emissoras comunitárias demonstram algumas experiências que tem possibilitado aperfeiçoamento dos modos de resistência e suscitando alternativas de comunicação para a sua comunidade.

**Palavras-chave:** emissoras comunitárias, comunicação de massa, radiodifusão.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná). Pesquisador de formas alternativas para democratização dos meios de comunicação de massa. Cristofoli13@bol.com.br



Partimos do pressuposto material de que a formação ideológica da sociedade é parte de um processo sócio-cultural influenciado diretamente por movimentos históricos tecnológicos (sociedade industrial e indústria cultural). Estes movimentos obtiveram o apoio capital dos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, TV, rádio, cinema, entre outros), para divulgar suas concepções ideológicas tecnicistas. O monopólio capitalista abrigado nos meios de comunicação é o responsável pelo detrimento de elementos expressivos nos canais, elementos de cidadania, democratização e liberdade de expressão. É através da exploração dos meios culturais e da transformação tecnológica industrial na sociedade que a ideologia da massa foi moldada<sup>2</sup>. Tal acontecimento histórico tecnológico e suas conseqüências possibilitaram aos meios de comunicação perpetrarem a “nova ordem”. A sociedade passa a aceitar os interesses particulares como sendo interesses da maioria.

A ideologia imposta pelo processo de produção técnica das informações nos canais de comunicação deve ser observada em seus pormenores. Há que se perceber as partes do maquinismo econômico de seleção. Tudo o que a mídia produz está voltado para a obtenção do capital, não se preocupando com a formação cidadã e intelectual de seus receptores. Ao longo desse processo de mutação e amoldamento tecnicista pelo qual a sociedade foi “ajustada”, os meios de comunicação tornaram-se um influente instrumento de formação de opinião e, conseqüentemente, influenciaram nos aspectos ideológicos da sociedade<sup>3</sup>. É através dos canais de informação que a sociedade é comunicada dos acontecimentos. E é a partir destas mensagens ordenadas pela “grande mídia” que os membros da sociedade estabelecem suas idéias e seus ideais.

---

<sup>2</sup> Segundo Adorno (1947): “... é o poder que os economicamente fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coesos o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua própria injustiça a qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas a padronização e a produção em série, sacrificando o que fazia a diferentemente lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas a sua função na economia atual”.

<sup>3</sup> "O progresso técnico, levando a um sistema de dominação e coordenação cria formas de vida (e de poder) que parece reconciliar as forças que se opõem ao sistema e rejeitar ou refutar todo protesto em nome das perspectivas históricas de liberdade e labuta e de dominação". (Marcuse, 1967)



Compreende-se, portanto, que a sociedade não é um fator primário desse processo, mas sim um elemento de cálculo (um acessório da maquinaria). A sociedade não é sujeito da indústria cultural, ela é um objeto. A indústria cultural explora as relações com a sociedade para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade desta. “As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar” (Adorno).

O debate teórico sobre as tecnologias dos meios de comunicação e seu desenvolvimento ideológico na sociedade é, e sempre foi, um objeto constante na vida de pesquisadores modernos e pós-modernos. O teórico crítico, Jean Baudrillard, em seu pensamento reflete sobre a formação do conhecimento e da percepção da realidade. Conjectura sobre os meios de comunicação e suas extensões tecnológicas. O determinismo tecnológico na construção midiática, a simulação que informa a “realidade virtual”, como desrealização da realidade. No mundo pós-moderno, ele adverte que não há realidade, não há história, o que existe é uma simulação da realidade, a realidade está desaparecendo<sup>4</sup>.

No resgate histórico do desenvolvimento da indústria cultural/tecnológica que envolve a sociedade (ideologicamente) percebe-se que, a luz de teóricos como Adorno, Baudrillard e Marcuse, os avanços tecnológicos são de tal ordem que todo o projeto societário da humanidade estava e continua alienado.

A princípio foi a industrialização sem precedentes, da aplicação de métodos científicos aos processos industriais (taylorismo). O mundo se dividia entre comunismo e capitalismo. Os meios de comunicação, como cinema e rádio, passam pela sua época de ouro; multidões são conduzidas por essas manifestações, que influenciaram gerações. É o surgimento da indústria cultural, da efervescência dos modismos. O pós-guerra assenta suas bases na tecnologia de ponta. São os primeiros computadores, transistores, microchips, circuitos integrados. Uma nova expansão (aldeia global) dos meios de comunicação sobrepondo novas fronteiras virtuais e

<sup>4</sup> Para Baudrillard os meios de comunicação são construtores ideológicos da “realidade virtual”, da ilusão radical que nega a realidade real mediante ao exercício retórico da ‘hiperrealidade’. Trata-se de uma acentuação da primazia de símbolos sobre as coisas, que são produtos da sociedade de massas. A partir da industrialização existe a realidade e a representação. A representação da realidade se sobrepõe a realidade, ela simula a realidade.



simbólicas que passam a gerar uma cultura mundial, de massa, calcada no consumismo e na dominação cultural. A partir disso, a massa parece ter sido multifacetada em milhares de segmentos de mercados, personalizando os interesses individuais em detrimento do senso comum. O computador como meio eficaz de comunicação encontra na internet suas expressões, ocorrem mudanças nos conceitos de visibilidade e interatividade. A rede mundial nos conduz e nos aprisiona. É o espaço virtual democrático por excelência. Como um meio, representa os contrastes e conflitos humanos, em uma representação virtual do jogo de poder travestida sob o conceito de informação.

O mapeamento do processo de formação ideológica da sociedade através dos mecanismos tecnológicos dos meios de comunicação passa primeiramente pelos grupos economicamente dominantes, estabelecidos pela indústria moderna e pelo mercado mundial. Esses grupos corrompem o estado representativo para si próprios e transformam isso em uma autoridade política exclusiva. O aperfeiçoamento dos meios de produção e o controle sobre os canais de comunicação de massa fizeram com que sociedades inteiras fossem envolvidas pela influência de pequenos grupos economicamente mais fortes para a sua realidade.

Segundo Marcuse (1967) sob estas condições de controle de facções capitalistas, a sociedade assistiu a diminuição da liberdade e a restrição de movimentos que faziam oposição a este processo de industrialização, porém isso não significa uma deteriorização ou corrupção moral. Para Adorno (1947), o aperfeiçoamento das técnicas de produção da indústria cultural é um elo do controle ideológico da sociedade pela indústria tecnológica. Este fato faz com que inúmeros consumidores fiquem presos à técnica e não aos conteúdos transmitidos, estes ociosos e já em parte abandonados.

Neste contexto, o Brasil se insere com uma industrialização tardia. O país, mesmo antes da apropriação da materialidade abstrata da globalização, que é livre a circulação do capital



financeiro, foi apropriado pelos projetos e programas que constituem os marcos das aspirações da sociedade mundializada, dessa retórica falsa de inclusão.

Fato histórico dos meios de comunicação do Brasil é a presença dominante de grupos familiares e a vinculação com elites políticas locais e regionais. Há mais de 50 anos as constituições brasileiras têm restringido a propriedade de empresas jornalísticas e de radiodifusão por parte de pessoas jurídicas, sociedades anônimas por ações de estrangeiros. Todavia, uma das conseqüências indesejáveis dessa política – ao impedir a propriedade de jurídicas - tem sido o controle histórico do setor de pessoas físicas, vale dizer, por empresas familiares.

Nas últimas décadas a utilização excessiva dos recursos da informática para a produção e a circulação de mensagens torna-se pontual. A reflexão sobre estas características da comunicação virtual permitiu ao teórico Baudrillard (1991) evidenciar que vivemos o fim da era moderna e do projeto de comunicação racional (predomínio da absorção dos conteúdos sobre valorização das formas). O autor explica a expansão da comunicação virtual com um artifício da implosão da sociedade.

Baudrillard avalia a comunicação virtual, constituindo uma comparação entre o virtual (mundo artificialmente criado pelas mídias), e o real, pois a ampliação do virtual se dá às custas do real, que se esvazia. A comunicação virtual, ao potencializar a fabricação e circulação de mensagens (informação), invalidaria o próprio processo comunicacional, apreendido com a difusão e assimilação de conteúdos. A comunicação é um artifício determinante da concepção da modernidade na formação social (controle racional dos comportamentos sociais). O virtual potencializou a natureza disfarçada, simulacional, o hiper-real (mais do que o real). A mídia transformou a comunicação em show. A massa submergiu ao show (a dimensão formal das mensagens) mais deixou de lado o que se pretendia transmitir. A era da comunicação virtual é o fim da era da comunicação.



A formação ideológica da sociedade durante a era moderna e com o advento da pós-modernidade foi e está sendo moldada por movimentos tecnológicos do sistema capitalista. No século XXI esse processo atinge um tal estágio de controle sobre a formação ideológica da sociedade, que homem e máquina navegam ligados pela era de informatização. No entanto, a produção e reprodução das técnicas de controle sobre os canais de comunicação e sobre a sociedade dificultam o processo histórico de criação de um projeto comunicacional de emancipação humana. Diante de tal controle ideológico acreditamos que a comunicação popular surge dentro de um processo histórico comunicacional para romper com o controle capitalista dos meios de comunicação. Destaca-se a experiência da radiodifusão vinculada às emissoras comunitárias.

As emissoras comunitárias são o resultado em movimento dos militantes que atuam nesta área. É uma alternativa que tem possibilitado aperfeiçoar modos de resistência e suscitado possibilidades de comunicação para a sua comunidade. O movimento de Rádios Comunitárias no Brasil teve um princípio repleto de controvérsias. Esta problemática fez com que membros da comunidade jornalística e acadêmica produzissem novas pesquisas em torno do fenômeno da radiodifusão comunitária<sup>5</sup>.

Diante destes movimentos históricos da radiodifusão podemos afirmar que a emissora pirata foi a "ponta de lança" pois rompeu com a comunicação oficial. Quando as emissoras piratas inglesas foram apreendidas, começaram a surgir centenas de emissoras dentro de território e foram denominadas de rádios livres e alternativas, passando a ser utilizadas como instrumentos de lutas.

---

<sup>5</sup> O conceito de rádio pirata foi copiado erradamente da Inglaterra, na década de 1960 a marinha inglesa identificava irradiações de frequência modulada (FM) cuja estação encontrava-se em um navio. Foi considerada ilegal pelo governo Inglês, pois eram montadas por jovens que se manifestavam contrários ao monopólio estatal e sua programação se baseava no movimento contra a cultura. As rádios clandestinas fizeram suas primeiras transmissões na Primeira Guerra Mundial e eram utilizadas como armas de guerra, elas emitiam através de sua frequência denúncias. Serviam a todas estruturas ideológicas. Na Segunda Guerra Mundial foram utilizadas pelos ingleses para emitir programas em alemão para confundir o inimigo e fazer terrorismo psicológico para enfraquecer a auto-estima do adversário. As rádios livres e alternativas são as que mais se confundem com as comunitárias.



Segundo Cecília Peruzzo (1998), dentro de um processo em que era evidente a insatisfação da sociedade, decorrente da falta de espaço nos meios de comunicação e das restrições à liberdade de expressão pelos meios massivos, os movimentos populares criam instrumentos de comunicação alternativos. Esses canais de comunicação não estavam nem sujeitos ao controle do estado e nem de interesses privados.

Balizados teoricamente, podemos entender a comunicação popular como uma realização de grupos organizados da sociedade civil, que se constitui dentro de um processo histórico em desenvolvimento e, portanto, está sujeito às mudanças estruturais impostas.

No Brasil o termo Rádio Comunitária surge em 1995 no I Encontro de Rádios Livres e Comunitárias. O termo aparece como expressão corrente e, na esfera de símbolo, materializa-se, sendo adotado por todas as correntes em debate. Segundo Meliane (1995), “as pequenas rádios parecem querer construir uma nova e mais moderna forma de se comunicar: emissão e recepção próximas do cidadão e de sua realidade; informação e conteúdos mais necessários à cidadania; e movimentação subterrânea da economia e cultura locais”.

Porém, o estado (democracia liberal) quando se sente ameaçado retira, com as duas mãos, o que o movimento das lutas sociais conquistou. A classe burguesa e suas frações sentiram-se ameaçadas e, em acordos pelo alto no interior da própria classe, utilizaram os instrumentos democráticos para conter os avanços do movimento. É com esta percepção que os parlamentares aprovam em 1997 a Lei 9472/97 que dispõe sobre os serviços de telecomunicações. No ano seguinte, em 1998, as rádios comunitárias são preconceituosamente regulamentadas pela Lei 9.612/98. Os protestos marcaram o momento da votação da Lei 9472/97 e a indignação registrou o gope com a aprovação da Lei 9612/98.

Segundo Neto (2002) as rádios comunitárias correspondem hoje a um fenômeno mundial e não tem marcado presença unicamente nos conflitos legais. Pelo contrário, elas têm permitido implementação de atividades sociais e educativas, decorrentes do exercício da



garantia de liberdade de expressão consagrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Dirigida a um público de baixa renda, identificado com sua cultura, esta seção radiofônica torna realizável para uma determinada fatia da população aquilo que poucos conseguem nas grandes emissoras. Em outras palavras, serviços, vantagens, campanhas e mensagens tornam-se acessíveis, abrindo espaço para que a radiodifusão cumpra sua função social, entre elas de aproximar, fazer a conexão entre pessoas, idéias, integrando a comunidade<sup>6</sup>.

Porém conforme, Cristiano Aguiar Lopes, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, em sua pesquisa, comprovou que "os processos apadrinhados têm 4,41 vezes mais chances de serem aprovados do que os que não contam com qualquer apadrinhamento político"<sup>7</sup>.

## **Referências**

ADORNO, T. W. – "A Indústria Cultural" in Adorno, Gabriel Cohn (org), **Os Grandes Cientistas Sociais**. Nº 54. São Paulo : Ática, 1986.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro : Zahar, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa : Relógio D'água Editores, 1991.

---

<sup>6</sup> Essas emissoras decorrem, na prática, das lacunas deixadas pelas emissoras de médio e grande porte, que em geral não se prestam a servirem em pequenas comunidades, como as do interior ou de bairros de grandes cidades. Assim, elas destinam-se a um público mais amplo do que diversificado, não abrangido pelos veículos maiores, que não mergulham na especificidade dos pequenos conglomerados, mas cujas ilhas, quando somadas, representam um universo considerável. (Neto 2002).

<sup>7</sup> Aguiar comprova, através de sua dissertação de mestrado, que as regras estabelecidas nas políticas de radiodifusão comunitária no Brasil geram uma grande exclusão, na medida em que a maioria das entidades não consegue cumprir as exigências legais estabelecidas. Essa política excludente que faz do estado um agente desuniversalizador das comunicações, não se deu por acaso. Trata-se, na verdade, de uma contra-reforma conservadora com o intuito da manutenção de um certo estado de coisas no que se refere à economia política das comunicações atualmente em vigente. Assim, ao analisar todos os 14.006 processos de outorga de radiodifusão comunitária que tramitaram no Ministério das Comunicações entre 06 de agosto de 1998 a 20 de maio de 2004, escolhido como o ponto final dos processos, chega às seguintes estatísticas: Processos autorizados: 2.189; Processos em tramitação: 827; Processos arquivados: 4.878; Processos aguardando início da tramitação: 6.112; Total de processos: 14.006.



\_\_\_\_\_. **Tela Total – Mito-Ironias da era virtual e da Imagem.** Porto Alegre, 1997.

COELHO NETO, Armando. **Rádio Comunitária não é crime, direito de antena:** o espectro eletromagnético bem difuso. São Paulo : Ícone, 2002.

LOBO, Chico. 1997. **Rádios Comunitárias.** Disponível em <[http: www.Radiocomunitaria.hpg.br](http://www.Radiocomunitaria.hpg.br)> Acesso em 13/12/2003.

LUZ, Deoclécio. **Trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias, na intenção de mudar o mundo.** Brasília : Copyleft 2001.

MARCUSE, Hebert. **A ideologia da Sociedade Industrial.** 4ª ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1973.

MELIANI, Marisa. **Rádios livres: o outro lado da voz do Brasil.** Dissertação de Mestrado, em ciências da comunicação, ECA – USP. 1995.

PERUZZO, Cicília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis : Vozes, 1998.

TOMAZ, Leo. **Movimentos Radiofônicos.** São Paulo : 1997. Disponível em <[http: www.Radiocomunitaria.hpg.br](http://www.Radiocomunitaria.hpg.br)> Acesso em 13/12/2003.